

A EVOLUÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO EM ANÁLISE DO DISCURSO

Freda Indursky - Universidade Federal do Rio Grande do sul

RESUMO: Este trabalho aborda a noção de sujeito em análise do discurso, focalizando-a

desde suas primeiras formulações até as discussões atuais.

ABSTRACT: This article is concerned to the notion of subject in discourse analysis. Here

this concept is focalized from its first formulations to recent approaches.

Palavras-chave: sujeito, forma-sujeito, posição-sujeito, formação discursiva heterogênea.

Desde as formulações iniciais, datadas de 1969, sobre a Teoria da Análise do

Discurso, entendida como processos discursivos de significação, que Pêcheux formulou

sua primeira noção de sujeito. Ao contrário de entendê-lo como um "organismo humano

"individual" (GADET & HAK, 1990, P. 82), Pêchex prefere concebê-lo como um "lugar

determinado na estrutura social" (idibid.), ou seja, o sujeito aí "se encontra representado,

isto é, presente, mas transformado... funciona nos processos discursivos como uma série de

formações imaginárias" (idibid,p.82). Como se vê, estamos longe da concepção individual

de sujeito. O sujeito da análise do discurso é, desde logo, um sujeito social.

Em trabalho posterior, formulado em co-autoria com C. Fuchs, em 1975, o sujeito

ganhou mais um traço essencial para sua constituição, pois os autores passaram a falar em

"uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica" (GADET & HAK, 1990, p.164). A

partir de então, o sujeito da Análise do Discurso não só é social, mas também é dotado de

inconsciente, o que faz com que o sujeito atue sob o efeito de duas ilusões: pensa ser a

fonte de seu dizer e ser responsável pelo que diz.

Mas é somente em sua obra seguinte, também de 1975, que Pêcheux vai acrescentar

algo muito importante ao que estava buscando em suas formulações sobre o sujeito, propondo o que chamou de "uma teoria não-subjetiva da subjetividade" (PÊCHEUX, 1988,

Page 2

p. 133). Uma teoria subjetiva com tais características articula entre si inconsciente e ideologia, ou seja, como diz Pêcheux, "os processos de 'imposição/dissimulação' que constituem o sujeito, situam-no (significando para ele o que ele é) e, ao mesmo tempo, dissimulam para ele essa 'situação' (esse assujeitamento) pela ilusão de autonomia constitutiva do sujeito" (idibid, p.133). Ou seja, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, sem que eles se dêem conta de tal interpelação. Dito de outra forma, não há sujeito sem ideologia, embora ela não seja um processo da ordem do consciente. Estamos aqui falando da existência histórica do sujeito, ou seja, trata-se daquilo que Pêcheux, à semelhança de Althusser, designou de **forma-sujeito**. (PÊCHEUX, 1988, p.183, nota 31).

Portanto, o sujeito para Pêcheux, além de social é histórico, vale dizer ideológico, e dotado de inconsciente.

Mas como um sujeito dotado de tais características funciona no discurso?

Para bem entender essa questão, é preciso trabalhar com uma outra noção, essencial para a Análise do Discurso. Refiro-me aqui à noção de formação discursiva que corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 1988, p. 160). É através da relação do sujeito com a formação discursiva que se chega ao funcionamento do

sujeito do discurso, mais especificamente, pode-se afirmar, juntamente com Pêcheux, que "os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que lhes são correspondentes" (PÊCHEUX, 1988, p. 161). E Pêcheux é mais específico ainda ao afirmar que "a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)" (idibid, p.163). E Pêcheux, mais adiante, acrescenta que tal identificação ocorre pelo viés da forma-sujeito (idibid.,p.167). Ou seja, o sujeito identifica-se com a forma-sujeito, vale dizer, com o sujeito histórico e, por seu viés, com a formação discursiva cujo dizer é por ela organizado. Pode-se, pois, afirmar que é a forma-sujeito que regula o que pode e deve ser dito, o que não pode ser dito e também o que pode mas convém que não seja dito no âmbito de uma determinada formação discursiva.

Page 3

Posto deste modo, a forma-sujeito apresenta-se dotada de bastante unicidade, sobretudo quando Pêcheux introduz o que chamou de "tomada de posição" (idibid, p.171), cujo funcionamento explica nos seguintes termos: "a tomada de posição resulta de um retorno do "Sujeito" no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele "toma consciência" e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus

"semelhantes" e com o "Sujeito". O "desdobramento" do sujeito - como 'tomada de consciência' de seus "objetos" - é uma reduplicação da identificação..." (idibid. p. 172).

Como se vê, nessa fase da teoria só há espaço para a identificação plena que gera a homogeneidade da formação discursiva e do próprio sujeito. Em outro capítulo dessa mesma obra, Pêcheux introduz o que chamou de *modalidades* das tomadas de posição, as quais, de alguma forma, relativizam uma posição tão fechada quanto esta até aqui delineada. Senão vejamos.

A

primeira modalidade

a que Pêcheux se refere remete ao que designou de

superposição

entre o sujeito do discurso e o sujeito universal, ou seja, tal superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito, "de modo que a

"tomada de posição" do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do 'livremente

'consentido': essa superposição caracteriza o discurso do 'bom sujeito' que reflete

espontaneamente o Sujeito". (idibid. p. 215).

A

segunda modalidade

caracteriza o discurso do "mau sujeito", discurso em que o

sujeito do discurso, através de uma "tomada de posição" se contrapõe ao sujeito universal,

vale dizer, à forma-sujeito. Essa segunda modalidade, ao contrário da primeira, consiste em

"uma

separação

(distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) (idibid., p.215) em relação ao que diz a forma-sujeito. Esta separação conduz o sujeito do discurso a

contra-identificar-se com o saber da formação discursiva que lhe é imposta. Tal

antagonismo, que ocorre no interior da forma-sujeito, permite a instauração da contradição.

A estas duas modalidades acrescenta-se uma *terceira modalidade*

que funciona sob o modo da "desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz

Page 4

ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito (idibid., p. 217), ou seja, o

sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva para deslocar sua identificação para outra formação discursiva.

Através destas diferentes modalidades de tomada de posição, sobretudo as duas

primeiras, que introduzem tanto a identificação quanto a contra-identificação, percebe-se

que a unicidade e homogeneidade do sujeito fica relativizada, embora ainda estejamos

frente a diferentes formações discursivas, o que mostra que a formação discursiva mantém

um grau ainda forte de homogeneidade.

Tanto isto é verdade que nesta obra Pêcheux introduz a noção de interdiscurso e,

para defini-lo, fala em um todo complexo de formações discursivas com dominante

(idibid.p. 162). Isto significa que, nesse complexo de formações discursivas, uma delas é a

formação discursiva dominante. E se é assim, sua forma-sujeito também é dominante. Por

conseguinte, a tomada de posição nas diferentes modalidades acima descritas conduz à

identificação, contra-identificação e desidentificação em relação à forma-sujeito dominante.

Isto significa também que a terceira modalidade, que leva à desidentificação em relação à

forma-sujeito dominante, conduz à operação de identificação com alguma forma-sujeito

não-dominante. Podemos mesmo pensar, por analogia, que se há um complexo de

formações discursivas ligadas entre si, há igualmente um complexo de formas-sujeito também ligadas entre si e a desidentificação conduz à identificação com alguma destas outras formas-sujeito, que podemos entender como secundárias. Aí teve início a movimentação em torno dos saberes das formações discursivas. Para tanto, parece-me de valor inestimável o trabalho de Pêcheux apresentado em um Simpósio sobre o Discurso Político realizado no México em 1977 e lá publicado, em espanhol, em 1980. Refiro-me ao seu texto *Remontémonos de Foucault à Spinoza*. Neste trabalho Pêcheux rediscute a noção de ideologia e, a partir dela, a noção de formação discursiva. Inicialmente, vejamos o que tem a dizer sobre ideologia: "uma ideologia é não idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos contrários" (PÊCHEUX, 1980, p.192). E, mais adiante, acrescenta que "a propósito da ideologia, trata-se de pensar a

Page 5

contradição de dois mundos em um só" (idibid. p. 195). Como se vê, Pêcheux introduz a diferença e a divisão como características da ideologia, ou seja, ela é heterogênea e vive sob o signo da contradição. Ora, se a ideologia não é idêntica a si mesma, o que dizer da formação discursiva que mantém relações estreitas com a ideologia? Cabe ao próprio Pêcheux responder a esta questão. Segundo o autor, "parece que é na modalidade pela qual se designam (em palavras e em escritos) estas 'coisas', ao mesmo tempo idênticas e divididas, que se especifica o que se pode, sem inconveniente, continuar chamando 'formação discursiva'" (idibid.p.196). Ou

seja, se a ideologia não é idêntica a si mesma, a formação discursiva, pela mesma razão, também é ao mesmo tempo idêntica e dividida. Isto significa que seu domínio de saber comporta igualdade, mas também diferença e divergência, sendo, pois, a contradição o que se instaura aí em lugar da igualdade e unicidade. Vale dizer que a formação discursiva é, igualmente, heterogênea e, se ela o é, então a forma-sujeito que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma, o que significa afirmar que a forma-sujeito abriga a diferença e a ambigüidade em seu interior. Só assim é possível pensar em uma formação discursiva heterogênea que continua comportando um sujeito histórico para ordená-la. De tal modo que é possível pensar esse sujeito como um sujeito dividido entre as diferentes posições de sujeito que sua interpelação ideológica lhe faculta, pois, como afirma Courtine "chamar-se-á domínio da forma-sujeito o domínio de descrição da produção do sujeito como efeito no discurso; isto conduz a descrever o conjunto das diferentes posições de sujeito em uma formação discursiva como modalidades particulares de identificação do sujeito da enunciação ao sujeito do saber, com os efeitos discursivos específicos que lhe estão ligados (COURTINE, 1981, p. 51). Claro está que não se trata mais de uma forma-sujeito dotada de unicidade, pois estamos diante de um conjunto de diferentes posições de sujeito e é esse elenco que vai dar conta da forma-sujeito. Portanto, a forma-sujeito se fragmenta entre as diferentes posições de sujeito. Uma forma-sujeito dividida identifica um sujeito igualmente fragmentado. Por outro lado, uma forma-sujeito fragmentada abre espaço não só para o semelhante, o

equivalente, isto é, para o parafrástico e o homogêneo, mas também cede lugar para o

Page 6

diferente, o divergente, o contraditório, ou seja para o polissêmico e o heterogêneo. Da convivência com apenas o mesmo passa para o diferente. E dessas diferenças e divergências surge uma formação discursiva heterogênea. Num espaço com tais características o sujeito só pode acompanhar e ser igualmente fragmentado entre as diferentes e divergentes posições que é conduzido a assumir pelos diferentes modos que o sujeito do discurso encontra para identificar-se ou contra-identificar-se com o saber de uma Formação Discursiva , cujas "fronteiras se deslocam" para acomodar saberes que migram, que vêm de fora, do interdiscurso, "fronteiras cujo fechamento é extremamente instável" (COURTINE, op. cit, p. 49). Por conseguinte, da mesma forma que a formação discursiva é heterogênea, o sujeito também o é, pois a forma-sujeito mostra-se fragmentada, em virtude da dispersão das posições de sujeito em que a forma-sujeito se divide, revelando-se bastante desigual a si mesma. Assim, de um sujeito bastante unitário a teoria subjetiva de Pêcheux evoluiu para uma concepção de sujeito fragmentado e disperso. Tal evolução ocorre fortemente vinculada à evolução da noção de formação discursiva que, ela também, era bastante homogênea e transforma-se para transformar-se em um domínio de saber heterogêneo a si mesmo. Essas transformações não estão desvinculadas da análise. Diria mesmo que a análise, em análise do discurso, é responsável pela formulação e a evolução dos conceitos e noções teóricas com que a teoria do discurso opera. Para maior clareza do que precede, vou fazer uma breve análise. Para tanto, vou

tomar alguns dados do discurso dos trabalhadores sem terra, para examinar como a dispersão das posições de sujeito opera nesse discurso. Este fato discursivo pode ser bastante esclarecido se tomarmos a questão das dissidências ocorridas no interior do MST.

Das ações lideradas por dissidentes do MST, a mais marcante foi a ocupação da Fazenda Santa Elina, em Corumbiara, Rondônia. A ocupação da Santa Elina foi decidida em abril de 1995 pelos dissidentes do MST, que pretendem ser "os que fazem o movimento" (F.S.P., 03.09.95, p.1-16), tal como julga Cícero Ferreira Neto, líder de Corumbiara, o Topa-Tudo, como é conhecido. Esse líder ajudou a fundar o MST e hoje é independente. A decisão de ocupar a Santa Elina foi tomada à revelia do MST e da CPT (Comissão Pastoral da Terra), que não concordavam com essa ação, por julgar a fazenda

Page 7

produtiva. Essa tomada de posição irritou Topa-Tudo que comentou : "O grupo que está lá agora é cria-bunda. Não age". (F.S.P, 03.09.95, p.1-16). A liderança dissidente não concordou com a avaliação do MST, declarando: "Sabíamos que ninguém tem título definitivo ali" (F.S.P., 03.09.95, p.1-16). E, em entrevista realizada pela Folha de São Paulo, em 24 de setembro de 1995, Cícero Ferreira Neto afirmou que "o confronto de Corumbiara virou uma nova referência do Movimento sem-terra. A luta pela terra não é só do MST... O MST precisa entender que há lutas que o movimento não está abarcando... O MST não abrange todos os sem-terra... Enquanto tiver uma família sem terra em Rondônia, estaremos na luta. Com ou sem MST, que deveria representar os sem-terra".

Como é possível perceber, há aí uma voz fortemente discordante que entra em colisão com as decisões emanadas do MST, num evidente movimento de desidentificação com o saber e os princípios daquela instituição. Cabe aqui uma questão: trata-se aí de duas posições de sujeito, vinculadas à mesma formação discursiva e, por conseguinte, à mesma forma-sujeito, ou são duas posições de sujeito relacionadas a formações discursivas diferentes e a formas-sujeito igualmente diversas?

Trata-se aqui de uma decisão teórica, cujos desdobramentos são também metodológicos. Decidir por duas formações discursivas implica em optar por trabalhar com domínios de saberes fechados e homogêneos. A consequência disso é que a forma sujeito é também mais una. Optar por uma única formação discursiva é decidir que estamos face a uma formação discursiva fortemente heterogênea, cujas fronteiras são essencialmente porosas, permitindo a convivência da diferença e da desigualdade num mesmo domínio de saber. A consequência disso é uma forma-sujeito que se realiza no entrelaçamento das diferentes posições de sujeito que aí estão dispersas. No presente caso, estamos indubutavelmente frente a uma formação discursiva heterogênea em relação ao seu próprio saber, onde a posição-sujeito do MST é uma entre outras que se possam fazer ouvir. Ou seja, a voz do MST não se confunde com a forma-sujeito dessa formação discursiva, mas é uma posição-sujeito que se coloca em posição de

Page 8

divergência com a voz da dissidência. A convivência dessas duas posições-sujeito mostra que não há lugar apenas para o mesmo neste domínio de saber. O diferente aí tem o seu lugar garantido.

Por traz do efeito do dissenso, produzido pela fragmentação e a diversidade, entretanto, a luta pela terra reúne essas posições de sujeito dispersas e as coloca em relação de identificação com o saber desse domínio. É isso que lhes permite inscreverem-se na mesma formação discursiva.

Um sujeito com tais características determina o que Pêcheux chamou de uma teoria não subjetiva da subjetividade que, ao representar-se no discurso, pode fazê-lo de várias formas, assumindo diferentes posições-sujeito e projetando diversos efeitos de sujeito, mostrando-se, por conseguinte, fragmentado e disperso.

BIBLIOGRAFIA

COURTINE, J.J. Analyse du discours politique.

Langages,

Paris, n.62, 127 p., juin, 1981.

INDURSKY, Freda.

Trabalhadores rurais e heterogeneidade discrsiva.

Trabalho

apresentado no Encontro Anual da ANPOLL, reunião do GT de Análise do Discurso,

Campinas, junho, 1998.

PÊCHEUX, M. Análise automática do Discurso. In : GADET, F. & HAK,T.(org.).

Por uma

análise automática do discurso.

Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.

Semântica e Discurso;

uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Ed. da

UNICAMP, 1988.

_____. Remontémonos de Foucault à Spinoza. In: TOLEDO, Mario

Monteforte.

El

discurso político.

México, Nueva Imagen, 1980.

_____. & FUCHS, C. A próposito da análise automática do discurso:

atualização e

perspectivas. In: GADET,F. & HAK, T. (org).
Por uma análise automática do discurso.
Campinas, Ed.da UNICAMP, 1990.